

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 19 de dezembro de 2018**

Texto de referência: L. Giussani, Porquê a Igreja, Tenacitas, Coimbra 2016, pp. 257-266.

- *Haja o que houver*
- *Da font de me anime*

Glória

Boa noite a todos. Abordamos o capítulo “Pelo fruto se conhece a árvore”, que começa por falar do tema inicial do *Porquê a Igreja*, porque os frutos da vida cristã nascem precisamente da Igreja. Mas o que é a Igreja? “A Igreja é uma vida”; conseqüentemente, “é necessário implicar-se na vida para poder julgá-la” (p.257). Os frutos só poderão ser esperados por quem se envolve com a vida da Igreja, por quem convive com a Igreja, no lugar onde é autenticamente vivida. Não é qualquer lugar, não é qualquer modalidade de participar na Igreja que produz frutos automaticamente. Nada é mecânico na vida humana, lembra-nos quase que ininterruptamente *don* Giussani. Por isso, a primeira condição é que a pessoa participe num lugar onde possa fazer uma experiência cristã verdadeira. Esta é a condição. Vê-se se a Igreja é vivida verdadeiramente, em todas as suas expressões, pela capacidade que tem de produzir frutos, porque “pelo fruto se conhece a árvore”. Sobre isto não há que discutir: pelo fruto vê-se que a árvore é boa, se nós participamos de um lugar verdadeiro. Se nos envolvemos com a vida da Igreja, em determinado momento, surpreendemo-nos vendo em nós algo de novo, porque os frutos são os sintomas da eficácia desta vida que se comunica, são o sinal de que a Igreja é o lugar onde o Mistério age. É isto que estamos a tentar perceber no decorrer do trabalho deste livro: se a Igreja é o prolongamento de Cristo, eu devo poder fazer uma experiência de tal modo real, de tal modo verdadeira que me leva a aderir a Cristo.

No *Credo*, a Igreja é definida com estas características: una, santa, católica e apostólica. Estes são os frutos que descrevem a sua eficácia. Hoje, trabalharemos o tema da unidade, que é “a característica primordial – diz Giussani – do que é vivo” (p. 258). Foi isto que Jesus quis comunicar, uma unidade surpreendente, como a que Ele vive com o Pai. Tanto é verdade que por esta unidade, quando se comunica, será possível reconhecer que Cristo realizou o desígnio do Pai: “Que todos sejam um como Tu, Pai, estás em Mim e eu em Ti. Que eles estejam em nós a fim de que o mundo acredite que Tu me enviaste” (cfe. Jo 17,21). Muitas vezes paramos neste nível de unidade, a unidade entre nós, mas para poder viver a unidade entre nós é preciso surpreender, antes, uma unidade em nós mesmos, na nossa vida, uma unidade que responde a uma exigência nossa. Alguém poderia perguntar-se: porque é que a unidade é tão decisiva? Porque é que a unidade é um fruto da eficácia de Cristo? Basta pensarmos em quando estamos inteiros a viver o real e quando, pelo contrário, estamos em pedaços e queremos apenas fugir de uma circunstância porque sufoca. O desejo que todos temos é o de sermos nós mesmos, de coincidir com aquilo que somos, com aquilo que vivemos, com o momento que estamos a percorrer. Por isso, esta noite queremos verificar se, e como, percebemos em nós esta exigência de unidade a partir daquilo que vivemos.

No sábado, 24 de novembro, de manhã, participei no Banco Alimentar num pequeno supermercado, juntamente com cinco amigas do grupo de Escola de Comunidade. Era o primeiro turno e com audácia no coração, preparámos o local, as caixas, o registo online dos alimentos, etc., e com a usual organização que caracteriza cinco mães experientes, começámos o gesto. Foi a evidência de uma unidade entre nós, de unidade com o gesto do Banco Alimentar e de um desejo de plenitude que há tempos peço para encontrar no meu dia-a-dia: na relação com o meu marido e os meus filhos, no trabalho, no gesto de fazer as camas, estender a roupa e limpar a casa. Durante todo o dia estive diante de encontros inesperados que me mostraram claramente a evidência da presença do Senhor. Por volta das dez horas, chegou um jovem pai com um grupo de meninos de

uma paróquia próxima e um jovem padre que os acompanhava, e começou a organizar de modo muito eficiente a pesagem das caixas. Um espectáculo diante do qual ficámos juntas a observar o que o Senhor estava a fazer por nós. Depois, à tarde, chegaram oito raparigas dos liceus que, provavelmente, vieram só porque sou professora delas e as convidei. Também nesta segunda ocasião, ajudada por uma amiga que estava ao meu lado, deixei que o Senhor agisse através delas, deixei que agisse por elas. Foi uma ocasião de encontro verdadeiro com aquelas raparigas e com os tipos humanos mais variados que entram no supermercado. Com a mesma disponibilidade, eu e as minhas amigas aderimos ao gesto da AVSI que aconteceu na nossa região. Agora, a pergunta que está no meu coração é: o que é que ajuda a carregar o mesmo desejo de plenitude no dia-a-dia, com todas as suas nuances, bonitas ou feias, difíceis ou não, mas de qualquer maneira dadas? Trata-se de um caminho do olhar e, portanto, do juízo? Trata-se de seguir? Trata-se de rezar? Trata-se de ser fiéis ao trabalho de Escola de Comunidade? Tudo isso pode contribuir para nos levar à pobreza de espírito?

Estão a ver? Participando – como dizes – de um gesto, tornou-se logo evidente uma unidade entre vocês. Pelo modo como o dia passou, nasceu em ti o desejo de que aquilo que viveste durante o Banco Alimentar se tornasse quotidiano. Este é o sinal da eficácia da Igreja: voltaste para casa com um desejo maior de não perder aquilo que tinhas vivido naquele dia especial. É tão correspondente que desejamos que essa dinâmica se introduza em toda a vida. Através dos testemunhos das pessoas, vamos ver como responder à pergunta: que caminho é preciso fazer para que isso se torne realidade? Como podemos ajudar-nos para que isto se torne realidade? Muitas vezes, de facto, temos um desejo de unidade que não se realiza, a nossa vida é como que dividida em compartimentos isolados.

Estas últimas semanas foram bastante difíceis para mim. Entre aulas, laboratório e outros compromissos estou sempre a correr. Mesmo quando consigo parar um pouco, por exemplo, para almoçar com os meus amigos, preciso sempre de ficar de olho no relógio para não me atrasar para o próximo compromisso. Estando sempre com pressa, normalmente parece que me perco atrás das coisas a fazer, sem ter um momento para respirar, para olhar para mim, para me perguntar como estou. O resultado é que tudo se torna pesado (até porque, com o passar das semanas, o cansaço acumula-se), apesar de, em particular, gostar das coisas que faço: participo de cursos interessantes, gosto de estar no laboratório, acho interessante acompanhar o trabalho com os representantes dos estudantes da minha faculdade. Então, acho que a questão da unidade é dirigida a mim. As palavras de Giussani descrevem uma maneira de viver que neste momento não vejo em mim, mas que desejo muito. Parece que vivo em “compartimentos isolados”, tenho dificuldade de encontrar um ponto que una tudo, até porque as coisas que faço são muito diferentes umas das outras. Como é possível experimentar nas coisas de todos os dias a unidade de que fala o texto? Percebo que para começar a intuir uma resposta é necessário um caminho, mas precisamente por isso preciso de alguém para seguir. Percebo que é fundamental ter um critério claro e intuo qual deve ser, porém, também tenho dificuldade em relação a isso. De manhã, posso até rezar Laudes ou ir à Missa, porém, durante o dia, parece que vivo no esquecimento. Então, gostaria de pedir uma ajuda sobre este ponto: o que é que significa, para ti, viver esta unidade?

Antes de mais nada, o que é que emergiu com clareza em ti a partir do que nos contaste? Qual é a coisa mais evidente?

Que sozinha não consigo.

Que a unidade não é alguma coisa que podemos construir. Isto parece uma banalidade. Por isso, quando a Igreja diz, que a eficácia da sua proposta se vê na “unidade da consciência” (p. 259) que gera, está a fazer uma promessa que corresponde ao que tu desejas: não sabes como alcançar, mas desejas. Não és capaz de a produzir, mas é o que desejas. Esta consciência é fundamental porque, então, não é preciso autoflagelar-se, mas simplesmente reconhecer que não sou capaz, que não consigo juntar todos os pedaços da vida, que muitas vezes me perco correndo atrás das coisas a fazer e a consequência são a ansiedade e a angústia. O que é que pode ajudar-me? Qual é a

promessa que a Igreja faz? Como se começa a entrever essa unidade, pela qual a vida deixa de ser dividida em compartimentos isolados? Agora que temos a pergunta clara, fiquemos atentos para perceber a resposta nas próximas intervenções e qual é o ponto de partida para enfrentar o problema.

A minha vida destes dias tem sido absolutamente normal: casa, escola, família. A pergunta era: como estou a descobrir a unidade da consciência? Observando-me na vida, percebi que a memória de Cristo está a tornar-se habitual (impressionou-me muito, de facto, ler em A conveniência humana da fé sobre a “memória como norma” da vida). Só no diálogo com a presença de Cristo, só se a sua memória está viva em mim, posso viver tudo, porque tudo é ocasião para se entrar mais nesta relação. Tentarei dar alguns exemplos (são factos aparentemente insignificantes, mas que para mim foram relevantes). Há alguns dias atrás entrei, por acaso e apressadamente, num café onde nunca tinha estado. Assim que passei pela porta, arrependi-me: era pequeno, escuro e sujo. A senhora atrás do balcão era pesarosa e brusca. Enquanto tomava o café pensava: agora vou para a escola e conto uma piada sobre este lugar tão feio. Mas parei a meio do pensamento, porque me veio um outro: mas Cristo, como é que Ele olha para estas pessoas? Ama-as infinitamente, assim como me ama infinitamente. Naquele ponto, olhei para a senhora do balcão e percebi que não a tinha olhado no rosto. Fez-me uma ternura imensa. Descobri-me a querer-lhe bem a ela e às outras pessoas que estavam ali dentro. Outro exemplo: na escola, tenho uma aluna preguiçosa e um pouco impertinente. Durante um teste, ela veio-me fazer uma pergunta e, como sempre, estava em pânico. Normalmente tratá-la-ia um pouco bruscamente, mas naquele momento comovi-me porque havia dias que a olhava apenas por aquilo que ela não era. E de novo aconteceu a mesma dinâmica: ela é preciosa aos Seus olhos, e é minha amiga por causa disso! Então respondi à sua pergunta encorajando-a a trabalhar, com a certeza de que poderia fazer o teste. Ela olhou-me com estranheza porque achava que eu não esperava mais nada dela. E ela também não esperava mais nada de si mesma. Pela primeira vez, enxugou as lágrimas e começou realmente a trabalhar. Último episódio: no sábado de manhã fui acordada bem cedo pela minha filha mais velha porque a mais nova tinha entornado em cima de si o copo de leite do pequeno almoço. Eram sete horas da manhã de sábado, levantei-me (para mim, este horário é cedo por ser sábado) e por um instante senti uma estranheza maluca em relação a tudo. Mas como está escrito em O Sentido Religioso, surpreendi-me novamente, depois daquele instante de desconforto, com as coisas, com todas as coisas: as minhas filhas, a minha cama, o leite entornado e o copo existem! Existem e Deus dá-los a mim para que nas coisas, na vida, eu O possa conhecer mais, me afeioe mais e descubra pedaços de mim que não conhecia, mais verdadeiros. E dá vontade de viver tudo, nada mais é estranho ou mete medo! Contando alguma destas coisas à minha mãe, ela disse-me que as pessoas não iriam perceber porque pode parecer um voluntarismo ou uma capacidade minha. Pensei sobre isso e dei-me conta de duas coisas. Em primeiro lugar, que quem me conhece sabe que não é assim. Mas a outra coisa que essa observação me fez descobrir é que, mesmo que alguém pense que não é verdadeiro, é um problema dessa pessoa! Tenho a certeza do que me está a acontecer e não tenho necessidade de ser dialeticamente persuasiva. Não que não deseje contar a todos (de facto, digo-o a todos), mas não sou chantageada pelo pensamento dos outros. E esta, para mim, é uma novidade absoluta, eu, que sempre tive necessidade da aprovação dos outros para me poder sentir segura.

Vimos que uma pessoa não consegue produzir a unidade com a própria tentativa. De onde é que tu partiste para descobrir a novidade desta unidade? Já o disseste, eu não sei nada além daquilo que vocês contam, não tenho uma linha directa com o Espírito Santo. Porque esta noite emergiram dois pontos de partida dos quais dependem dois métodos diversos. O primeiro: procuram fazer sozinhos e não conseguem. Tu, pelo contrário, do que é que partiste?

Do facto de que o Senhor me ama.

“Observando-me na vida, percebi que a memória de Cristo está a tornar-se habitual”! Vocês percebem a relação que há entre o que dissemos nos Exercícios da Fraternidade sobre a familiaridade com Cristo e a vida quotidiana? É uma familiaridade que não me poupa todos os

desafios (como foi para ti a senhora do café, a aluna, tu mesma, a tua filha), mas que faz emergir das entranhas a esperança que há em ti – para citar *don* Giussani – exactamente quando acontecem certas coisas. Há alguma coisa que me precede: a memória de Cristo, o reconhecimento de Cristo, a familiaridade com Ele. Desta familiaridade que a pessoa vive, e que não poderia viver se não num lugar – a Igreja –, nasce o fruto de uma unidade que pode mudar o rosto a uma coisa, outra, outra ou outra ainda. Em vez de viver em “compartimentos isolados”, tudo nos fala d’Ele. O resultado é uma unidade que não é alcançada com as nossas tentativas ou esforços, mas uma unidade como “comprovada lucidez a respeito do sentido da existência, porque o princípio a partir do qual nos julgamos a nós mesmos e o mundo é uma Presença única e inequívoca” (p. 259), uma Presença que investe de tal modo o olhar que já não posso mais olhar a realidade e tudo o que me acontece a não ser a partir disso.

Ler este parágrafo sobre a unidade exigiu-me bastante trabalho e não escondo que tive muita dificuldade em perceber o texto. Todos os dias relia-o e parecia-me perceber um bocadinho mais. Mas ainda tenho muitas perguntas. Vou tentar resumi-las em duas. A primeira é: poderias explicar-me, talvez com um exemplo, o que significa que o critério do cristianismo diante de tudo é uma Pessoa? Um pouco já foi respondida.

Um pouco. Vamos aprofundá-la.

A segunda diz respeito ao ponto “Unidade como posição perante a vida”: neste período vivi muitas dificuldades, sobretudo físicas, e foi quase espontâneo oferecer o sofrimento por algumas situações dolorosas das quais tomei conhecimento. Depois, quando li o parágrafo que diz: “Para a tradição da Igreja não existe [...] nenhum gesto [...] que não seja um gesto responsável pelo universo, um gesto de valor eterno” (p. 263), fiz algumas reflexões. Tenho a certeza, por experiência própria, de que até as circunstâncias mais difíceis não são inúteis, são dadas para mim, mas, aqui, parece que se diz uma coisa ainda maior, isto é, que cada gesto nosso colabora com a acção salvífica de Deus. Então, pergunto-te: isto é sempre verdadeiro, independente da consciência com a qual vivo ou realizo determinado gesto? E, ainda, isto é um dogma, como a Trindade? Ou é algo que eu posso verificar?

Vamos começar pela primeira pergunta que fizeste: “Poderias explicar-me, talvez com um exemplo, o que significa que o critério do cristianismo diante de tudo é uma Pessoa?”. Começamos com uma pessoa (com p minúsculo), porque só se percebemos em relação a uma pessoa (com p minúsculo), poderemos perceber – por analogia – em relação à Pessoa (com P maiúsculo).

Eu e um amigo fomos convidados para jantar por um casal de amigos que se tornaram pais há algumas semanas. O bebé chegou no dia 22 de novembro e – como se pode facilmente imaginar – revolucionou a vida de sua mãe e de seu pai. Enquanto estávamos no carro, a caminho, recebi uma mensagem do pai dizendo: “Quando vocês chegarem, liguem-me que eu desço para abrir o portão”. Ficámos meio espantados e pensámos que o intercomunicador estivesse avariado. Na verdade, quando chegámos, ele veio ter connosco explicando-nos que o bebé estava a dormir, por isso pediu para que não tocássemos à porta. Entrámos em casa: reinava um silêncio impressionante. O pai foi até a cozinha e voltou a “tratar” do assado. Fiquei impressionado, porque cada gesto que ele fazia – desde abrir a torneira (e não estou a brincar!) até mexer os tachos no fogão – era ditado por um simples facto: a pequenina está no andar de cima a dormir. É preciso ter atenção para não a acordar. A mãe chega com um rosto radiante e cumprimenta-nos. Também eu e meu amigo a cumprimentamos tentando fazer o mínimo barulho possível. Também nós tínhamos ficado envolvidos – e este é o ponto que me impressiona – por aquele novo estilo de relação, aquele novo modo de se mover, cheio de atenção e disponibilidade que aquela criança, pelo simples facto de existir, estava a determinar. Naquela noite, cada gesto era reflexo daquela relação, tão actual e contemporânea a ponto de determinar aquela atenção, aquele cuidado, aquele novo estilo. Não havia regras, imposições, havia ela: a pequenina no andar de cima. Mesmo ainda não a tendo visto, tudo, realmente tudo, falava dela. Os olhos daqueles dois pais, tão comovidos e

escancarados diante da aventura na qual dizem querer verificar a fidelidade d'Aquele que os chamou. Os seus rostos tão contentes, sinal poderoso daquilo que está a acontecer com eles, até o modo como todos naquela sala colocavam os talheres sobre a mesa para não fazer barulho. E, aqui, o eco do texto: não há particular, não há gesto que, por menor e secreto que seja, não falasse, naquela noite, da presença da pequenina. A ponto de, de maneira completamente inesperada, aquele ansioso desejo de a poder ver que havia no início do jantar, ter dado lugar a uma espera cheia de certeza porque, no fundo, nós já tínhamos encontrado aquela menina. Toda a realidade era transparente dela. Cada acção naquela noite explicava-se à luz do facto de que ela estava ali. Assim, olhando para o que aconteceu ali, fica claro para mim o conceito de mérito: "Não existe nenhum pensamento, por mais secreto que seja, nenhum gesto, por mais insignificante que seja, nenhum acto, por oculto que seja, que não seja um gesto responsável pelo universo", movido por "aquele nexo profundo com a presença de Cristo no mundo" (p. 263).

Pedi que tu nos contasses isto porque muitas vezes nós complicamos a vida. No entanto, como vocês veem, é simples reconhecer quando uma presença determina todos os factores da vida: a consciência daquela menina que dormia no andar de cima bastou para determinar toda a noite. Por isso, como dizíamos antes, só se uma presença é de tal modo familiar e presente a ponto de investir a nossa vida, até nos darmos conta de que tudo é vivido em relação com ela, então tudo está unido, porque em cada coisa tendemos a viver através aquela presença. Cristo não inventou outro método, a única diferença é que introduziu na nossa vida uma Presença, a Sua, infinitamente mais poderosa em relação à criança que está a dormir. A questão é se nós podemos viver os dias, mesmo no meio da distração, recuperando de quando em quando a consciência daquela Presença que torna unidos todos os factores da realidade, até mesmo aquilo que tentaríamos renegar.

Fiquei muito impressionada com esta passagem do texto da Escola de Comunidade: "Aqui está a genialidade da visão católica da vida. O divino, na Igreja não tem necessidade de negar coisa alguma [...]: é uma atitude de unidade que valoriza tudo sem se escandalizar com nada. A Igreja para se manter coerente, pode, pois, estar segura de que não de esquecer ou renegar coisa alguma" (p. 260). Aos poucos estas palavras entraram em mim e comecei a dar-me conta de que existem muitas, muitas coisas de mim, da minha história que renego ou esqueço. Mas, ao mesmo tempo, nunca foi tão vívido em mim o desejo de que a minha vida possa ser uma a partir de dentro, quando estou em casa a fazer as minhas coisas e a casa se esvazia. Assim, comecei a olhar para mim e vi muitas coisas. Eu renego e esqueço que o mal que faço e o mal que sofro fazem-me muito mal, e este é um momento de grande verificação no meu caminho. Começar a olhar para as coisas que ferem, relacionamentos que deixei ou relacionamentos que me deixaram, as doenças de alguns dos meus filhos e dizer: "Tenho medo disto; quem é capaz de me por de pé novamente?". No outro dia, o meu filho mais novo, de seis anos, tinha-me deixado doida o dia inteiro e, no fim, exasperada, dei-lhe um tabefe. Ele arregalou os olhos, sem estar à espera daquilo e, antes de correr até mim para me abraçar, atirou-se para o sofá com a cara escondida numa almofada e ficou ali um pouco. Este gesto dele de querer esconder-se e não querer ver nada encheu-me de ternura. À noite, pensei: "Ele age exactamente como eu! Eu também, diante de uma ferida, contorço-me e dobro-me sobre mim mesma e não vejo mais nada a não ser o facto de que estou ferida!". Neste período, ter coragem de olhar para a minha humanidade toda faz-me perceber que já há uma Presença que me quer unida e todo o caminho que desejo é o de poder olhar no rosto Quem me faz repousar. Um pouco como meu filho fez comigo.

O que fez com que o teu filho te procurasse de novo?

Que eu permaneci ali.

Perfeito! É simples. Nós também temos vontade de fugir, como a criança. O que é que nos pode dar a coragem de olhar toda a nossa humanidade, o que nos torna unidos? Aquela Presença. Sem uma Presença como a que encontrámos, nem sonhamos com essa unidade. E não porque não a desejamos, mas porque quando acontecem certas coisas não conseguimos olhar para nós com a mesma ternura com a qual Cristo nos olha. Esse olhar diferente não é fruto de um esforço, é fruto da

nossa participação numa vida, a vida da Igreja, onde somos olhados assim, onde nos foi comunicado o olhar de Cristo. É isso que torna possível olhar também para as coisas mais misteriosas que podem acontecer, as mais dolorosas, porque nada está excluído.

A leitura das páginas sobre a unidade impressionou-me, porque estamos num mundo onde tudo parece esfacelar-se, onde tantas divisões se abrem até dentro da Igreja e do próprio Movimento. Li e reli estas páginas e fiquei muito ferida com elas: queria perceber o que é esta unidade da qual a Igreja “brilha”. Essa pergunta ardia em mim nestes dias, era a pergunta com a qual me levantava de manhã. Na última quarta-feira, com essa ferida dentro, participei do funeral de um parente distante, que morreu de repente. Ele e a esposa perderam a única filha alguns anos atrás, vítima de um acidente. Eram ateus naquela época. Mas a dor pela morte da filha abriu-os a darem-se conta da comunidade cristã com uma forma particular, a comunidade dos frades seus vizinhos que cuidam do Instituto Sagrada Família, de Cesano Boscone. Daquela amizade nasceu uma conversão impressionante da mulher e, depois, também do marido, que dizia sobre si: “Se não fosse o Senhor a mudar-me deste modo, nada me poderia ter mudado!”. O que tem a ver tudo isto com a questão da unidade? Tem a ver – primeiro – porque naquela igreja cheia de pessoas ao lado da mulher, nos lugares onde, nos funerais, normalmente, se sentam os parentes mais próximos, estavam todas as pessoas da comunidade, mostrando que Cristo cria visivelmente um laço de unidade mais forte do que o da carne e do sangue. Segundo: a esposa, no final da missa, disse algumas palavras, contando um pouco sobre a história deles, e disse – as palavras são dela, não minhas – que a morte da filha para eles “foi um ponto de realidade que nos abriu a pensar em Deus”. Enquanto a ouvia falar, de repente ficou claro para mim o que significa a unidade como posição de vida, porque todo o tempo e todo o espaço, “invadido” por Cristo, torna-se lugar onde se manifesta a Sua proximidade, até no mistério da morte de uma filha. E o que isto me mostrou a mim e à minha ferida? Em primeiro lugar, que a unidade é Deus quem faz, portanto, onde há desunião não devo esforçar-me para construir, eu, a unidade (nem fazer o contrário, aumentando a divisão), mas devo buscar o fundamento, ou seja, colocar em discussão Aquele que é o fundamento único da unidade. Além disso, tocou-me o facto de que quando faço Escola de Comunidade seriamente, a realidade “significa”, ou seja, corresponde. A obtusidade da realidade que não fala começa sempre com a minha obtusidade.

Aqui, vemos como a realidade responde à pergunta que nos fizemos tantas vezes durante este trabalho. Como foi construída a unidade da pessoa depois de uma ferida tão grande como a morte de uma filha? Não foram os pais que construíram a unidade que tu viste neles. A morte da filha foi um ponto da realidade que os abriu, e essa abertura tornou possível acolher uma Presença. “Se não fosse o Senhor a mudar-me assim, nada me poderia ter mudado!”, dizia o pai, tanto é impossível de obter com as nossas tentativas. Mas como o Senhor construiu aquela unidade, a ponto de torná-la tão concreta? O que permite construir a unidade, fazê-la surgir – dissémos no início – é a convivência “com a vida da Igreja lá onde ela é vivida autenticamente, onde é vivida seriamente” (p. 257), neste caso, aquela comunidade de frades. É o próprio Cristo, presente na comunidade cristã, que constrói a unidade da pessoa depois de uma ferida tão profunda. De facto, quando alguém se abre a Ele na comunidade cristã, “cria-se visivelmente um laço de unidade mais forte do que o da carne e do sangue”. Esta experiência permite perceber a unidade como posição de vida, como tu dizias. E isto responde a uma pergunta que me fez uma pessoa que não pôde vir esta noite: “Como é possível recuperar-se dos golpes que a vida nos reserva?”. Nós vimo-lo: não nos recuperamos com alguma nossa tentativa heroica, mas simplesmente aceitando participar – “ficando de molho” como se costuma dizer – na vida da Igreja. Isso tem a capacidade de mudar e de gerar unidade, de aliviar as feridas, de fazer recomeçar sempre, quando a pessoa está disponível (sem necessidade de qualquer heroísmo). Se não fazemos isto, é só por uma indisponibilidade nossa e não porque a vida da Igreja não tenha a eficácia de responder até mesmo à morte e à ferida que a morte provoca em nós. E, assim, chegamos a tocar o quotidiano: por exemplo, o trabalho.

Giussani afirma que o indivíduo, com a sua acção, pelo nexó profundo com a presença de Cristo, é responsável pelo destino do mundo. A um certo ponto, começa a falar do trabalho de um modo que me deixou curioso, me tocou, e gostaria de perceber a fundo. Leio a passagem: “À medida que mergulhamos no gesto sacramental, a nossa humanidade é encaminhada para aquele momento em que o homem está novamente no seu lugar no mundo, isto é, diante de Deus” (p. 265). O que significa esta frase? Porque é que fala também dos sacramentos? A única coisa que consigo pensar é que também o trabalho se torna ocasião para estar diante d’Ele. Aquilo que me acontece – de vez em quando, não sempre – é isto: trabalhar é ocasião da expressão de mim mesmo, sem dúvida: quanto mais me vejo naquilo que faço, tanto mais me dou conta, se sou sincero, que quando digo “sim” a uma coisa que deve ser feita ou sinto tristeza por ter dito “não”, quando cuido de um detalhe ou enquanto trabalho, etc., vejo um amor àquilo que está diante de mim que amadureceu no pertencer a Ele. E isto é sensacional porque, como se faz, de facto, para amar a realidade com todas as coisas que, para mim, parecem contradições, injustiças, ou com o peso que a vida tem? Depois, Giussani continua e fala do trabalho como documentação da presença de Deus através dos milagres. Portanto, a natureza, de ambígua que era (portanto, perturbadora), mais uma vez torna-se “mediação”. Gostaria que me ajudasses a perceber esta concepção nova do trabalho.

Naquilo que tu me estás perguntar, o que te surpreende em relação ao sacramento?

O sacramento é algo que sempre vi um pouco como distante da vida, sobretudo quando era mais jovem. Com o tempo, na verdade...

E o que é que, do sacramento, te é mais próximo a ti? A comunidade cristã.

Sim.

É a própria Igreja que tem nos sacramentos a raiz do que tu encontras naquela realidade humana, concreta, que tem a capacidade de te mudar – como tu dizes – e de fazer com que também as contradições e as injustiças possam ser vividas. No trabalho acontece a mesma coisa. Se tu vives a comunidade cristã com esta consciência, aos poucos a modalidade com a qual foste investido por esta Presença conduz-te àquilo que diz São Paulo: “A vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gal 2,20). Se lhe deixas espaço a Ele todas as manhãs (por exemplo, rezando o *Angelus*, consentindo a Cristo entrar na tua vida), cedo ou tarde vais surpreende-te no ver que determina o teu trabalho, até vencer a ambiguidade e encher o teu trabalho com aquela novidade que começou a investir-te a ti. Deves esperar para vê-Lo emergir como fruto da tua pertença à Igreja, sem precisar acrescentar ao trabalho definições que apenas te deixariam mais “frio”. Vivendo na comunidade cristã – que é o Seu sinal –, tu começaste a ver como Cristo te muda. Esta experiência também incidirá no teu trabalho. Quando descobrires isso, volta aqui e conta-nos. É isto que torna interessante também a questão do mérito.

Noto uma diferença entre como Giussani fala do mérito e como eu o entendo e, em geral, como o propõe a nossa mentalidade. A mim interessa-me muito o mérito, e faço-o sempre coincidir com o estar à altura das situações. Eu “mereço” o trabalho que faço se, e apenas se, as minhas aulas (sou professor) estão à altura das expectativas da minha escola e da responsabilidade que tenho; ou se no trabalho com os meus colegas consigo ser incisivo e sou reconhecido. Por outro lado, quando cometo erros, estou convencido de que “não mereço” aquilo que estou a viver porque deveria estar à altura, mas não fui capaz em determinada circunstância. Acho que posso sintetizar assim: para mim, o valor é o sucesso e o mérito coincide com o dever ser. Por que é que para Giussani este modo de conceber o mérito é errado? Porque é que o valor de cada circunstância e o mérito deveriam residir no facto de que Deus nos dá a possibilidade de colaborar com o Seu desígnio? Neste caso, essa também não é uma questão de sucesso e de ver se estamos à altura ou não?

Qual é o valor do mérito, amigo? Podemos dar alguns exemplos nos quais vemos que o problema não é a capacidade, não é estar à altura? Eu dou sempre alguns exemplos. O que Nossa Senhora poderia ter feito de mais importante para mim, para ti e para o mundo, do que dizer “sim” a Cristo, ou seja, ao anúncio do anjo? Tu achas que Nossa Senhora poderia ter feito alguma coisa mais

importante para o mundo do que pronunciar aquele “sim”? Não! Este é o mérito! Não saiu daquela cidadezinha, mas o seu “sim” coincidiu com o bem do mundo. Como vês, o mérito não tem a ver com o sucesso, no sentido de estar à altura. O valor de um gesto, o seu alcance, depende da sua relação com a totalidade. Segundo exemplo: tu achas que Giussani poderia ter feito alguma coisa mais interessante na sua vida do que dizer sim a Cristo? Cada um de nós se pergunte: porque é que está grato a *don* Giussani? Pelo seu “sim” a Cristo. Aqui se vê o mérito. Então, o que tu podes fazer pelo mundo, analogamente ao que fez Giussani e Nossa Senhora?

Responder.

Não estar à altura ou não; não ter sucesso ou não. Porque tu podes ter sucesso segundo as condições que te são dadas, ou podes não ter sucesso. Podes ser o porteiro ou o presidente da República, mas do ponto de vista do mérito, não muda nada, porque nem todos podem ser o chefe de Estado, nem todos têm as características ou as possibilidades para sê-lo, mas alguém que vive no seu pequeno espaço, mudando as fraldas do próprio filho está a construir o mundo – talvez melhor do que um chefe de Estado –, se vive com a consciência com a qual Nossa Senhora viveu. E isto é uma libertação porque dá dignidade ao seu gesto, mesmo pequeno, mesmo aparentemente banal. Todos sabemos muito bem que graça foi para nós o “sim” de *don* Giussani. Do mesmo modo, se alguém é teu colega de trabalho e percebe que tu és um bem para ele, será por causa do “sim” que tu disseste a Cristo. Interessará mais a ele o teu “sim” do que o teu sucesso! Este é o mérito. E isto, como vês, gera uma outra mentalidade. Qual é mais realista, a tua ou a de *don* Giussani?

Estava a perguntar-me a partir de quais elementos podemos dizer qual das duas é verdadeira?

Este é o ponto. O que mudou mais o mundo? O que incidiu mais no mundo, o que contribuiu mais para o bem do mundo? O “sim” de Nossa Senhora ou a “sucesso” de Pilatos?

Fiquei marcada com o modo como o texto fala da novidade, em particular, na página 262: “De facto, experimenta-se muito mais a vida como novidade quando acontece qualquer coisa pela qual se espera do que na diferença em si entre um momento presente e um passado. Também culturalmente a novidade reside na descoberta de uma correspondência, o que só é possível se existir um ‘antes’ de esperança, de desejo, de expectativa, de exigência. Então, a novidade é o cumprimento dessa esperança, a satisfação desse desejo, a resposta àquela expectativa. Para o cristão, ela não esta na mudança em si, mas na transformação que se opera ao aplicar esse princípio unitário de inclusão, segundo o qual toda a criação é «mistério»”. Para mim, a última frase é totalmente incompreensível, mas toda ela me provoca muito porque, para mim, a novidade é, na realidade, a minha mudança. Frequentemente, isso leva-me a medir e não a esperar. É a medida que me sufoca, sobretudo na minha idade, sessenta e três anos! Pergunto-me que desejo, que esperança, que espera, que procura estou eu a viver. Quando me olho à noite e não vejo quase nada, percebo que não é de um Amor que eu vivo! Tu podes-me ajudar? Obrigado pelo modo como nos ajudas a viver.

Esta é uma frase que não podemos perder, porque é muito libertadora. Tantas vezes, quando o trabalho nos sufoca, o que desejamos? Mudar de trabalho. E quando uma circunstância nos sufoca, o que queremos? Mudar a circunstância. Quando alguém nos chateia a vida, o que queremos? Fugir da pessoa. Mas temos a certeza de que a mudança é realmente isto? Muitas vezes, fugimos de um lugar que nos sufoca para terminar noutra que nos sufoca ainda mais. Como alguém que tem úlcera no estômago: se a tem, não basta mudar de restaurante para que se cure. Por isso, *don* Giussani disse que a verdadeira novidade não está na diferença, em fazer sempre coisas diferentes, viajar para cá e para lá. A mentalidade comum espera que a mudança aconteça através disso em vez de a esperar da única coisa que muda realmente a vida: o acontecimento de Cristo, nas circunstâncias. Então, sim, tudo se torna diferente, porque eu posso estar em qualquer circunstância, se deixo Cristo entrar nela e se Ele faz acontecer a Sua presença em mim. Isso permite-nos estar em qualquer circunstância com uma vida unida, sem sufocar, respirando, porque a sua Pessoa presente torna diferente toda – realmente toda! – a vida. Ao enviar ao mundo Seu Filho, o Mistério fê-IO experimentar, na Sua encarnação esta novidade para que nós pudéssemos ver que também Deus,

que transcende tudo, pode acontecer num Homem. Se Cristo ressuscitado acontece em nós assim, qualquer lugar será um lugar onde se pode respirar. Porque não é o lugar que nos faz respirar, mas Aquele que acontece em nós em qualquer lugar em que nos encontremos a viver.

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 23 de janeiro, às 21h00.

Continuaremos o trabalho sobre este segundo capítulo “Pelo fruto se conhece a árvore”, de *Porquê a Igreja*. Vamos retomar os pontos sobre a *santidade* e sobre o *milagre*: da página 266 à página 276. No site de CL, na secção Escola de Comunidade, podem encontrar o arquivo em áudio dos trechos sobre os quais estamos a trabalhar.

Viram que todos os meses, a *Passos* tem um tema principal – o Primeiro Plano – que ocupa grande parte da revista. Quer ser um modo para nos ajudar a usar a razão numa questão que nos parece importante neste momento histórico da vida do Movimento, da Igreja e da sociedade.

Entre as contribuições para a Escola de Comunidade de hoje, chegou isto também: “Gostaria, em primeiro lugar, de expressar a minha gratidão pela revista *Passos* de novembro, porque através dos artigos “A descoberta contínua” e “O processo que não termina” vi documentado o fruto da unidade da qual fala o texto da Escola de Comunidade, aquela unidade da consciência que provém directamente do quanto Jesus nos revelou do Seu ser e do quanto nos pediu como participação na Sua presença, aquela simplicidade unificante no perceber, sentir e julgar a existência que, estando em contacto com as coisas, os acontecimentos e os homens, organicamente tende a compreendê-los de modo aberto a todas as possibilidades e adequado a todo o encontro [isto é *Passos*. E, portanto, quando propomos este instrumento é para nos ajudar a ter este olhar unitário]. A experiência de unidade que está documentada nos citados artigos faz-me fazer a mesma experiência de unidade que se funda, que é fruto daquela familiaridade com o mistério”. *Passos* não é apenas para quem não tem mais nada para ler, mas um instrumento para ampliar o olhar que aprendemos na Escola de Comunidade a todos os aspectos da realidade. É um olhar, como vocês viram, desejável. Muitos desejam que esse olhar unitário alcance cada aspecto da realidade e *Passos* é uma tentativa de nos ajudar a educá-lo.

Fazendo nossa a preocupação de *don* Giussani, que ouvimos na Jornada de Início d’Ano, de que o cristianismo é “um anúncio”, algo “vivo”, “presente”, “irreduzível” a qualquer factor cultural ou valor ético, no número de dezembro quisemos documentar onde surpreendemos essa diferença incomum, onde essa presença floresce: pode ser em África ou num colégio de Miami.

No site do CL está disponível o vídeo em espanhol, com legendas em italiano, da apresentação do livro *El abrazo*, que o antropólogo espanhol Mikel Azurmendi escreveu depois de ter passado dois anos convivendo com as nossas realidades na Espanha (as caritativas, as férias, as Escolas, o Encuentro Madrid, a Escola de Comunidade). É impressionante ouvir como ele se surpreendeu com as coisas que viu e que muitas vezes nós damos por óbvias, e ouvir a descrição do caminho que precisou de fazer para compreender aquilo que via. É uma introdução a olhar a partir da novidade cristã. É uma grande contribuição para o nosso caminho que, espero, não queiram perder.

Nos próximos dias de festa trocaremos votos com muitas pessoas, na família, com os amigos e com outros. Os meus votos são que o olhar a tudo e a todos, como vimos nesta noite – realmente a tudo e a todos – nasça da consciência, em mim e em vocês, da dignidade que o homem adquiriu pelo facto de que Deus se fez carne e habita entre nós.

Veni Sancte Spiritus

Bom Natal a todos.